

Dívida brasileira tem menor valor nos EUA

Analistas de mercado encaram a queda como fato sem grande importância

NOVA YORK — Analistas econômicos norte-americanos não deram grande importância à queda da cotação da dívida brasileira nos Estados Unidos. No mercado secundário, a cotação caiu ontem para 19 centavos de dólar, contra 33 centavos de dólar em março. “É algo sem o menor significado e que não vai mudar absolutamente nada. Ninguém no mercado prestou atenção a esta notícia”, disse o analista econômico Peter Grossman, da Corretora Dillon Read Interna-

tional, que já foi presidida pelo atual secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady.

A analista Mary Tobin, da **International Financing Review**, concorda com Grossman: “Isso não quer dizer que alguém irá me vender algo só porque sai registrado no painel eletrônico”. Os motivos da queda, explica o analista da Dillon Read, já são mais ou menos conhecidos. “Primeiro, não há compradores após a ministra da Fazenda brasileira informar que só irá pagar US\$ 1 bilhão dos juros atrasados este ano.” Segundo ele, até o fim do ano o Brasil estará com US\$ 10 bilhões em juros atrasados. “Além do mais, a notícia de aumento das im-

portações por parte do Brasil significa que o saldo da balança comercial será torrado e, assim, haverá menos recursos para a dívida externa brasileira.” O Brasil, na visão de Grossman, está hoje onde a Argentina estava um ano atrás.

A tendência, segundo os analistas, é a dívida se estabilizar entre 18 e 23 centavos de dólar até o fim do ano. Mesmo o processo de privatização, ainda praticamente na estaca zero, não elevaria muito essa cotação. “Não creio que tão cedo algo possa realmente revolucionar o mercado da dívida brasileira no aspecto do mercado secundário e fazer seu valor de face subir 50%”, conclui Grossman.